

UMA METODOLOGIA PARA REPENSAR OS CAMINHOS DO ALIMENTO E OS CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO

*A METHODOLOGY TO RETHINK FOOD PATHS AND
SHORT FOOD SUPPLY CHAINS*

Sashia Cristina dos Santos¹
Isabela Fredes de Freitas²
Bianca Aparecida Lima Costa³
Marcelo Miná Dias⁴

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar uma metodologia realizada no âmbito do projeto "Agroecologia e sistemas alimentares localizados: inovações sociais na construção de circuitos curtos de comercialização", desenvolvido pelo programa de extensão Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV). A atividade, em formato de Instalação Artística Pedagógica, contou com a participação de 38 pessoas, e possibilitou criar um ambiente reflexivo individual e coletivo acerca dos sistemas agroalimentares e suas implicações socioeconômicas e ambientais. Como resultado, destaca-se o potencial da metodologia para gerar reflexões e diálogos entre os saberes científicos e populares com a finalidade fortalecer e ampliar a construção de sistemas agroalimentares alternativos, que valorizem a produção local e uma alimentação saudável e sustentável.

Palavras-chave: extensão universitária; sistemas agroalimentares; metodologia participativa.

Abstract: *This work aims to analyze a methodology carried out within the scope of the project 'Agroecology and Localized Food Systems: Social Innovations in the Construction of Short Distribution Chains,' developed by the Popular Cooperatives Technological Incubator extension program of the Federal University of Viçosa (ITCP-UFV). The activity, in the form of an Artistic Pedagogical Installation, involved 38 participants and created an individual and collective reflective environment regarding agro-food systems and their socio-economic and environmental implications. As a result, the potential*

¹ Mestra em Agricultura Orgânica, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, Universidade Federal de Viçosa, Campus Viçosa, ITCP-UFV, sashia.agro@gmail.com

² Mestranda em Agroecologia, Programa de Pós-graduação em Agroecologia, Universidade Federal de Viçosa, Campus Viçosa, PPGAGC-UFV, isabela.fredes@ufv.br

³ Docente do Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Campus Viçosa, UFV, bianca.lima@ufv.br

⁴ Docente do Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Campus Viçosa, UFV, minad@ufv.br

of the methodology to foster reflections and dialogues between scientific and popular knowledge is highlighted, aiming to strengthen and expand the construction of alternative agro-food systems that value local production and promote healthy and sustainable food.

Keywords: *university extension; agri-food systems; participatory methodology.*

INTRODUÇÃO

As transformações nos sistemas agroalimentares globalizados têm gerado impactos significativos na humanidade, afetando a alimentação e a saúde em âmbito ambiental e social em todo o mundo (Mcmichael, 2016). Esse modelo hegemônico tende a distanciar os(as) produtores(as) dos(as) consumidores(as) como decorrência do alongamento das cadeias de distribuição e da padronização de matérias-primas e alimentos, subestimando a riqueza das diversas culturas alimentares (Rover & Darolt, 2021).

Os debates sobre os circuitos curtos de comercialização (CCC) de alimentos ganharam espaço em pesquisas sobre experiências que buscam respostas aos desafios atuais dos sistemas agroalimentares globalizados (Soler & Pérez, 2013; Rover & Darolt, 2021). Em diferentes partes do mundo, iniciativas de “redes alimentares alternativas”, “mercados locais”, “comunidades que sustentam a agricultura (CSA)”, “redes de consumidores” e “feiras” podem ser exemplos de ações coletivas transformadoras vinculadas às perspectivas agroecológicas e da economia solidária. Ou seja, o encurtamento nestes circuitos não se refere apenas à distância física, mas também à dimensão relacional, isto é, à proximidade de valores e princípios que possibilitam relações de autonomia para quem produz e quem consome de forma sustentável (Soler & Calle, 2010).

Nos últimos anos, considerando a importância destas temáticas no contexto de mudanças climáticas e da permanência da insegurança alimentar e nutricional para um conjunto expressivo da população, projetos de pesquisa e extensão universitária têm atuado neste campo, como é o caso da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV)¹ e do Grupo de Pesquisa Economia Solidária, Sistemas Agroalimentares e Agroecologia (GESSA-UFV)². Por meio de diferentes abordagens, ações voltadas ao fomento de circuitos curtos de comercialização ampliaram o escopo de atuação da Incubadora, desencadeando ações e reflexões sobre as interfaces entre sistemas agroalimentares, agroecologia e economia solidária. Atualmente, a ITCP-UFV presta assessoramento à criação e coordenação de feiras e iniciativas de certificação participativa na região da Zona da Mata de Minas Gerais (Costa et al. 2023).

Nesse contexto de atuação extensionista³, articulada à pesquisa e ensino, o presente trabalho foi desenvolvido. O objetivo deste artigo é apresentar uma metodologia desenvolvida pela ITCP-UFV e pelo GESSA para uma reflexão crítica acerca dos circuitos curtos de comercialização e os sistemas agroalimentares. A atividade consistiu em uma Instalação Artístico Pedagógica que ocorreu durante a 14^a Troca de

¹ A ITCP-UFV é um programa de extensão, criado em 2003, vinculado ao Departamento de Economia Rural, e tem como objetivo apoiar e fortalecer grupos populares do campo da economia solidária de diferentes segmentos, como agricultores(as) familiares, catadores(as), artesãos, pacientes da saúde mental, entre outros. A iniciativa envolve docentes, técnicos(as), estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes áreas de conhecimento.

² O GESSA foi criado em 2019 está vinculado à ITCP-UFV com intuito de articular de forma mais sistemática as ações de extensão e pesquisa desenvolvidas no âmbito da Incubadora.

Saberes⁴, na Universidade Federal de Viçosa, no ano de 2023. Este evento é reconhecido por envolver diversas organizações, movimentos sociais, estudantes, agricultores(as) familiares e ocorre anualmente desde 2009.

A seguir é apresentada a análise da atividade desenvolvida e sua contribuição para a construção de conhecimentos sobre diversas experiências de circuitos curtos de comercialização presentes especialmente na Zona da Mata Mineira. Antes da descrição da metodologia, apresentação de resultados e sua discussão, na sequência do texto, elaborou-se uma revisão de literatura a respeito da conexão entre circuitos curtos, agroecologia e economia solidária. Esta revisão foi utilizada como base para o trabalho de facilitação conduzido na dinâmica participativa. Ela também fundamenta a discussão dos resultados observados. Por fim, apresentamos uma análise sobre o potencial e as limitações da metodologia utilizada para ações extensionistas que trabalham esta temática.

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de sistema agroalimentar envolve as relações de produção, distribuição e consumo de alimentos. Destaca-se que as mudanças nesses arranjos se intensificaram nos últimos 150 anos e influenciaram na desconexão entre produção e consumo. Em linhas gerais, esse percurso passou de um modelo baseado nas comunidades camponesas para a lógica da globalização alimentar proposta, implementada e disseminada pela Revolução Verde (Friedmann, 1993, 2005; Sevilla Guzmán et al., 2012; Soler & Pérez, 2013).

Essa forma de produção e distribuição, conforme Rover & Darolt (2021), está sob o controle de corporações multinacionais e redes de supermercados, que exercem um considerável domínio sobre os padrões e preços dos alimentos. Tais fatores podem gerar impactos negativos na autonomia dos(as) agricultores(as) e no acesso físico e econômico da população a alimentos frescos. Além disso, destaca-se também as consequências ambientais na preservação dos recursos naturais e da biodiversidade.

Como forma de resistência, produtores(as) e consumidores(as) de diferentes partes do mundo têm se organizado em torno da agroecologia na construção de um conjunto heterogêneo de práticas de produção, distribuição e consumo ecológicos. Trata-se de estabelecer processos que buscam a redistribuição de poder e a promoção da sustentabilidade ao longo da cadeia agroalimentar, considerando tanto o manejo dos agroecossistemas quanto as relações socioeconômicas e socioculturais (Soler & Pérez, 2013; Cuéllar-Padilla & Sevilla Guzmán, 2013; Vanderplanken et al., 2016; Chaparro & Calle 2017).

Esse movimento tem levado à criação de vários tipos de circuitos curtos de comercialização, especialmente aqueles relacionados à produção agroecológica e orgânica. Iniciativas desta natureza buscam promover a reconexão entre agricultura, alimentação, saúde, meio ambiente, economias locais e territórios. Tais elementos

⁴ A Troca de Saberes é um evento que acontece desde 2009 e é referência em agroecologia na região, reunindo quilombolas, indígenas, estudantes, professores(as), agricultores(as) familiares, técnicos(as) e pesquisadores(as) além da grande participação de jovens rurais (Lara, 2023). Em 2023 o evento ocorreu entre os dias 22 e 24 de julho.

geram oportunidades para diversas formas de inovação, muitas das quais visam estreitar as relações e as distâncias entre a produção e o consumo de alimentos. Os CCCs constituem uma inovação social agroecológica e podem ser definidos pela “resistência a formas dominantes de gestão dos sistemas agroalimentares”, que visam o “acesso e segurança alimentar e nutricional” e “condições para uma transição agroecológica efetiva” (Rover & Darolt, 2021, p. 27).

Segundo Caporal e Costabeber (2000), a agroecologia representa uma forma de agricultura que reduz o impacto ambiental. Além disso, fomenta a inclusão social, melhora as condições econômicas dos(as) agricultores(as) e resulta na oferta de produtos ecologicamente responsáveis e livres de resíduos químicos. Para além dos aspectos produtivos, a agroecologia se configura como ciência e movimento a partir de um amplo projeto de transformações no sistema agroalimentar atual (Wezel *et al.*, 2009). Dessa forma, possui papel crucial em diferentes perspectivas, seja no compromisso da democratização do acesso à terra, água e recursos naturais, como na conservação da biodiversidade, na geração de trabalho digno no meio rural e na valorização dos saberes populares (Carneiro *et al.*, 2015).

Da mesma forma, a economia solidária caracteriza-se como um movimento de transformação social, por meio do trabalho associado e autogestionário. Busca-se promover relações econômicas mais justas, em contraposição às desigualdades e marginalizações ocasionadas pelo capitalismo (Diniz, 2019).

A articulação entre agroecologia e economia solidária pode representar o início de transformações locais baseadas em novas relações entre agricultura, o consumo de alimentos, a economia local e as interações ambientais. Muitas vezes, as experiências de circuitos curtos de comercialização materializam esta interação em diferentes territórios.

Nesse sentido, destaca-se a atuação da ITCP-UFV nos processos de construção de conhecimento acerca dos sistemas agroalimentares (Costa *et al.*, 2017). A metodologia apresentada e analisada neste trabalho busca, portanto, refletir sobre como podemos construir espaços reflexivos sobre tais temáticas, considerando os pilares de ensino, pesquisa e extensão.

METODOLOGIA

Durante a 14ª Troca de Saberes foi realizada, pela ITCP-UFV e GESSA, uma Instalação Artístico Pedagógico (IAP) com o tema “Circuitos Curtos de Comercialização, Economia Solidária e Agroecologia”. A IAP é uma ferramenta educacional que utiliza estímulos visuais para promover o engajamento participativo dos(as) envolvidos(as) e provocar reflexões individuais com potencial de estimular debates sobre o objeto ou tema focado (O’Donoghue, 2010).

Na Troca de Saberes, as IAP têm adquirido um formato particular, sendo utilizadas para promover espaços coletivos de intercâmbio de ideias e diálogo entre o saber popular e o saber científico (Lara, 2023). A instalação, neste caso, é definida como um cenário, montado com diversos elementos, conforme o tema e contexto da atividade, criando um ambiente que possibilite a imersão do participante e seu engajamento

participativo. O espaço permite reflexões individuais, trocas intersubjetivas e diálogo, estimulando o debate e a produção de sentidos sobre o objeto de reflexão (Lopes *et al.*, 2013).

A IAP organizada pela ITCP-UFV reproduziu parcialmente a dinâmica utilizada em experiência semelhante descrita em Souza *et al.* (2021). O objetivo geral foi desenvolver uma estratégia metodológica qualitativa com a participação de integrantes de organizações envolvidas no Polo Agroecológico da Zona da Mata Mineira.

Participaram da atividade 38 pessoas, sendo 26 mulheres e 12 homens, vinculadas a organizações, sindicatos, associações, cooperativas, empresas públicas de pesquisa e extensão rural, empreendimentos da economia solidária e público universitário presente na Troca de Saberes. Os participantes, em sua maioria, mantinham vínculos com o movimento agroecológico em geral, incluindo o Polo Agroecológico e de Produção Orgânica da Zona da Mata Mineira e o Fórum Regional de Economia Popular Solidária. A equipe da ITCP-UFV e do GESSA-UFV atuou na mediação.

A IAP foi realizada no espaço físico da Feira do Bem-Viver⁵, uma das atividades da Troca de Saberes, que ocorreu no gramado ao lado do Edifício Arthur Bernardes, no campus da UFV em Viçosa. Pode-se afirmar que a Feira e sua ambientação compuseram também o espaço da IAP sobre circuitos curtos de comercialização. Ao adentrar o espaço da Feira, os(as) participantes experimentaram, naquele ambiente, o artefato organizacional, a estética e os elementos simbólicos (Strati, 2007) que informam o tema da IAP, qual seja, os “circuitos curtos de comercialização”.

Neste espaço amplo e ao ar livre em que ocorreram simultaneamente outras instalações artísticas pedagógicas a IAP sobre circuitos curtos foi realizada em uma tenda posicionada na parte mediana de um arco em formato de “U” composto por barracas para comercialização de diversos produtos pelos expositores(as) participantes da Feira. Esta tenda, conforme observar-se nas imagens da Figura 01, possuía apenas cobertura de lona na parte superior, tendo suas laterais livres e integradas ao ambiente da Feira. Na parte superior da estrutura da tenda foram colocados três *banners*, alusivos à Economia Solidária e às organizações responsáveis pela condução da atividade a ITCP-UFV e o GESSA-UFV.

Nas demais laterais foram posicionadas bandeiras coloridas, afixados em formato de varal, com *slogans* e frases representativas de temas presentes em manifestações de diversos movimentos relacionados a agroecologia⁶. As bandeiras compuseram os elementos visuais e sensoriais que objetivavam proporcionar uma experiência imersiva e facilitadora do engajamento participativo (O’Donoghue, 2010). Os participantes foram dispostos sob a tenda em formato circular, de modo que pudessem se acomodar e interagir durante a atividade.

Na Figura 1 é possível observar, no chão e no meio do círculo formado pelas

⁵ A Feira do Bem Viver é um espaço de comercialização criado a partir dos princípios da economia solidária e da agroecologia que ocorre junto a Troca de Saberes. Fazem parte de sua organização a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV), o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), e o Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia - ECOA

⁶ As bandeirolas compõem as bandeiras de luta da agroecologia, organizadas e disponibilizadas pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), disponível em: <https://agroecologia.org.br/2019/05/29/artes-bandeirolas-de-luta-iv-ena/>

cadeiras, dois espaços retangulares, inicialmente vazios, posicionados lado a lado. O intuito foi criar dois cenários ou campos de significados concorrentes sobre os circuitos de comercialização. Os retângulos foram sendo preenchidos pelos participantes no decorrer da atividade. Na primeira parte da dinâmica, a facilitadora explicou que as palavras-chave que definiam o primeiro espaço eram: “circuitos curtos de comercialização”, “economia solidária” e “agroecologia”.

Figura 1 - Elementos visuais e disposição dos participantes na IAP.



Fonte: Acervo ITCP-UFV, 2023.

Já o segundo espaço seria definido pelas seguintes palavras-chave: “cadeias longas de comercialização”, “economia capitalista” e “agronegócio”. Essa divisão objetivou delimitar tipos diferentes de circuitos de comercialização observáveis em sistemas agroalimentares. A seguir cada participante recebeu uma tarjeta contendo reportagens curtas ou frases que descreviam características gerais de ambos os tipos de circuitos de comercialização (Quadro 1), considerando as características dos circuitos propostos presentes na revisão de literatura apresentada na seção anterior.

Além das tarjetas, os(as) participantes receberam rótulos ou embalagens vazias de produtos alimentícios de origem diversificada, tanto em relação ao local e forma de produção quanto à natureza do processo de transformação dos ingredientes. Houve uma seleção intencional, de modo a exemplificar “produtos industrializados”, “produtos naturais”, “produtos da agroindústria familiar” e “produtos geograficamente distantes”.

Quadro 1 - Frases impressas nas tarjetas entregues aos participantes da IAP (dispostas em ordem alfabética).

AFASTAMENTO ENTRE PRODUÇÃO DO CONSUMO; ASSOCIAÇÕES E COOPERATIVAS; AUTONOMIA NA TOMADA DE DECISÕES; EXPLORAÇÃO DE TRABALHADORES; INSEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL; MAIOR REMUNERAÇÃO AOS AGRICULTORES; MENOR REMUNERAÇÃO AOS AGRICULTORES; MERCADO INSTITUCIONAIS (PAA, PNAE⁷); MERCADOS LOCAIS; MONOCULTIVO; MULTINACIONAIS; PRODUÇÃO DIVERSIFICADA; PROTAGONISMO DAS MULHERES; RELAÇÕES HIERÁRQUICAS DE DECISÕES; SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL; TRABALHO ESCRAVO; VALORIZAÇÃO DOS PRODUTOS LOCAIS; VENDA DIRETA

Fonte: elaboração própria, 2024.

Foram disponibilizadas embalagens ou rótulos dos seguintes produtos: refrigerantes, cerveja, achocolatado em pó, chocolate em barra, creme vegetal, sucos, açúcar refinado, café agroecológico, mel, chá artesanal agroecológico, banana chips artesanal e batata chips orgânica. Tanto rótulos quanto embalagens continham informações essenciais sobre o produto (lista de ingredientes, origem, composição nutricional, prazo de validade etc.).

Com estes objetos em mãos (reportagens, tarjetas com frases e embalagens ou rótulos), os(as) participantes foram orientados(as) a classificar as reportagens e as embalagens ou rótulos em um dos dois espaços ou campos de caracterização dos circuitos de comercialização. Os(as) participantes também podiam posicionar a embalagem ou rótulo entre um espaço e outro, caracterizando o pertencimento do produto a ambos os circuitos. Foi solicitada uma explicação individual sobre a classificação, sua justificativa e/ou um comentário acerca do produto em mãos ou sobre questões que este suscitava.

A dinâmica foi registrada por meio de fotos e anotações em cadernos de campo pela equipe da ITCP-UFV e do GESSA-UFV. Estas anotações e a síntese apresentada pelos grupos nos cartazes foram a base de dados para a análise apresentada a seguir.

Na Figura 2 é possível observar, nas duas imagens colocadas lado a lado, o resultado da classificação de tarjetas, embalagens e rótulos nos dois espaços distintos propostos.

⁷ Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) (MDS, s.d.) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) (Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009) são programas no qual o Governo Federal compra alimentos produzidos pela agricultura familiar e os destina gratuitamente para pessoas que não têm acesso à alimentação adequada e saudável.

A observação dos rótulos, neste mesmo sentido, trouxe ao debate tanto a perspectiva crítica sobre papel dos(as) consumidores(as), quanto, por outro lado, as dificuldades de produtos locais atenderem a requerimentos de normas e procedimentos para comercialização. Os objetos cumpriram, desta forma, sua função na IAP, qual seja, criar uma experiência de aprendizado exploratório (Ramallo, 2021), possibilitando a expressão de percepções e conhecimentos e discussão coletiva.

Nas intervenções, neste primeiro momento da dinâmica, houve destaque a vários temas. A composição nutricional dos alimentos oriundos das cadeias longas de comercialização, por exemplo, reverberou evidências científicas conhecidas sobre impactos à saúde (Gibney *et al.*, 2017), ressaltando-se que esta composição pode “passar despercebida” pelos consumidores. Este fato ocorreria, em parte, pela “falta de interesse” dos consumidores, resultado possível da “falta de conscientização” sobre a importância da qualidade dos alimentos, indicando possíveis lacunas de informações, conhecimento e ação pública, fato constatado em algumas pesquisas (Bendino *et al.*, 2012; Souza *et al.*, 2011). Observou-se, por exemplo, que o rótulo de alimentos ultraprocessados indicavam uma lista de ingredientes desconhecida pela maior parte das pessoas diferente de alimentos “naturais, agroecológicos e orgânicos”.

Também houve destaque à provável intencionalidade de ocultação da composição dos produtos, com o artifício, presente nos rótulos, das “letras miúdas” e da “linguagem difícil” que dificulta o acesso à informação e o julgamento dos consumidores a respeito da segurança do produto escolhido, percepção que dialoga com os achados de Pereira *et al.* (2019). O papel da propaganda e do marketing (Marcussi *et al.*, 2023), vislumbrado a partir da análise de rótulos e embalagens, também esteve presente em algumas falas. Ou seja, a divulgação destes produtos transmite símbolos de saúde e felicidade sem alertar para o real malefício do consumo destes alimentos. Durante a dinâmica, uma mãe compartilhou sua preocupação com a filha de 4 anos que relacionava um refrigerante de laranja com os benefícios da fruta, por exemplo.

Ao classificar tarjetas, rótulos e embalagens e explicar sua decisão, os(as) participantes foram incentivados a avaliar suas próprias práticas ou comportamentos como produtores(as) e/ou consumidores(as), estimulando assim o pensamento crítico e a análise do sistema econômico e agrícola em que vivemos.

Por se tratar de um grupo de participantes com experiência prática no tema, houve, de um modo geral, reflexões aprofundadas sobre impactos socioeconômicos e valores associados a cada objeto analisado, destacando os diferentes modelos de comercialização e economia, ressaltando as características distintas e opostas – e por vezes complementares – entre os circuitos curtos e longos de comercialização, a economia solidária e capitalista, a agroecologia e o agronegócio.

Estes temas gerais se desdobraram em assuntos específicos apresentados pelos participantes quando se manifestaram para justificar ou comentar os produtos, tarjetas ou reportagens distribuídas. Para fins de discussão dos resultados, os principais temas problematizados e debatidos foram organizados para apresentação de uma diferenciação sistemática entre cadeias longas e circuitos curtos de comercialização, tendo sido identificadas em cinco categorias temáticas que detalham as distinções elaboradas pelos participantes: a) origem dos alimentos; b) composição, legislação e

normas sanitárias; c) sistemas de certificação; d) relações de trabalho, e, e) preço, conforme apresentado no Quadro 02.

Quadro 2 - Principais reflexões apontadas pelos(as) participantes.

CATEGORIAS TEMÁTICAS	CADEIAS LONGAS DE COMERCIALIZAÇÃO	CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO
Origem dos alimentos	Alimentos que percorrem grandes distâncias geográficas e que não têm origem plenamente conhecida (quem produziu, de que forma, em quais condições)	Alimentos locais, obtidos através da compra direta, no qual o consumidor tem acesso às informações sobre o produto (quem produziu, de que forma, em quais condições).
Composição dos alimentos, legislação e normas sanitárias.	Alimentos com diversos compostos químicos que a população em geral desconhece a origem e suas consequências para saúde humana; informações nas embalagens com letra de tamanho reduzido e com poucas informações	Produtos in natura ou produzidos artesanalmente, sem ingredientes desconhecidos nos rótulos.
Sistemas de certificação	A certificação por auditoria é dispendiosa, acessível apenas para aqueles que possuem recursos financeiros. Geralmente cada produto é certificado individualmente.	Certificação participativa por meio de Organismos de Controle Social (OCS) ou por Sistema Participativo de Garantia (SPG) é um processo horizontalizado, democrático, economicamente viável e que certifica a propriedade e não o produto.
Relações de trabalho	Relações de exploração do trabalhador(a), hierarquia nas decisões.	Relações de trabalho mais justas e autonomia nas decisões.
Preços	Preços injustos, com menor remuneração para quem produz.	Preço justo, com maior remuneração para quem produz.

Fonte: Elaboração própria, 2024.

As questões apontadas na dinâmica são coerentes com os achados de estudos

sobre os CCC. Assim, a origem dos alimentos é amplamente problematizada em relação à lógica do sistema agroalimentar globalizado (Mcmichael, 2016; Schneider, 2013), já que cria um afastamento físico e relacional entre produtores(as) e consumidores(as), gerando inúmeros problemas culturais e ambientais (Sevilla Guzmán *et al.*, 2012; Soler, Pérez, 2013). Os(as) participantes destacaram o fato de a cultura alimentar vincular-se aos agroecossistemas e representar um elemento importante para romper a tendência de dietas alimentares centradas em uma variedade limitada de alimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia utilizada na IAP proporcionou um ambiente enriquecedor de construção coletiva de conhecimento sobre o sistema agroalimentar atual, incentivando mudanças positivas em nossas práticas cotidianas. Os elementos presentes na dinâmica estimularam a interação entre o saber popular, técnico e científico. Dessa forma, a metodologia se destaca como um instrumento capaz de construir a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão.

A ITCP-UFV e o GESSA buscaram, com essa metodologia, fortalecer processos diferenciados de formação contínua por meio de uma ação extensionista fundamentada no diálogo indissociável entre os saberes científicos e populares, com a finalidade de fortalecer e ampliar a construção de sistemas agroalimentares alternativos em escala local e regional e assim promover circuitos curtos de comercialização que valorizem a produção local, a alimentação saudável e a sustentabilidade do meio ambiente.

AGRADECIMENTOS

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV), e ao Grupo de Pesquisa em Sistemas Agroalimentares, Economia Solidária e Agroecologia (Gessa). A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), e a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa (PPGAGC).

REFERÊNCIAS

Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Lei nº 23.207 de 28 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/LEI/23207/2018/>. Acesso em 23 de setembro de 2024.

BENDINO, Nívea I.; POPOLIM, Welliton D.; OLIVEIRA, C. R. A. Avaliação do conhecimento e dificuldades de consumidores frequentadores de supermercado convencional em relação à rotulagem de alimentos e informação nutricional. **Journal of the Health Sciences Institute**, v. 30, n. 3, p. 261-265, 2012.

BRASIL. **Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009**. Programa de Alimentação Escolar. Diário Oficial da União. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm Acesso em 23 de setembro de 2024.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.1, n.1, p.16-37, 2000.

CARNEIRO, Fernando Ferreira *et al.* **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. EPSJV/Expressão Popular, 2015.

CHAPARRO AFRICANO, Adriana; CALLE COLLADO, Ángel. Peasant economy sustainability in peasant markets, Colombia. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 41, n. 2, p. 204-225, 2017.

COSTA, Bianca Lima; DIAS, Marcelo Miná; SILVA, Marcio Gomes. Economia Solidária e Extensão Universitária: vinte anos da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa. **Revista Mercado de Trabalho** (Ipea), n. 76, out. p. 141-155, p. 204-225, 2023.

COSTA, Bianca Lima; SILVA, Marcio Gomes; DOURADO, Graziela Freitas. A experiência da ITCP-UFV: aprendizados coletivos construídos na Economia Solidária. *In*: COSTA, BL; DOURADO, GF; SILVA, MS. **Saberes construídos na economia solidária: experiências e vivências da incubadora tecnológica de cooperativas populares da UFV. Viçosa, Minas Gerais: OCA**, p. 19-29, 2017.

PADILLA, Mamen Cuéllar; GUZMÁN, Eduardo Sevilla. La Soberanía Alimentaria: la dimensión política de la Agroecología. *In*: **Procesos hacia la soberanía alimentaria: perspectiva y prácticas desde la agroecología política**. Icaria, 2013. p. 15-32.

DINIZ, Sibelle Cornélio. Possibilidades da economia popular e solidária no Brasil contemporâneo: apontamentos. **Nova Economia**, v. 29, p. 963-985, 2019.

FRIEDMANN, Harriet. Feeding the empire: The pathologies of globalized agriculture. **Socialist register**, v. 41, 2005.

FRIEDMANN, Harriet. The political economy of food: a global crisis. **New left review**, n. 197, p. 29-57, 1993.

GIBNEY, Michael J. *et al.* Ultra-processed foods in human health: a critical appraisal. **The American journal of clinical nutrition**, v. 106, n. 3, p. 717-724, 2017.

LARA, Livea Mara Oliveira. O. Troca de Saberes: pistas metodológicas. Viçosa, Minas

Gerais: Universidade Federal de Viçosa, Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia (ECO), 2023.

LOPES, Leandro Souza *et al.* Troca de saberes: vivenciando metodologias participativas para a construção dos saberes agroecológicos. **Cadernos de Agroecologia [Volumes 1 (2006) a 12 (2017)]**, v. 8, n. 2, 2013.

MARCUSSI, Adriana Paula Slongo *et al.* Análise crítica de rótulos de alimentos industrializados e o papel do discurso do marketing. **Hig. aliment**, p. 715-719, 2019.

MCMICHAEL, Ph. **Regimes alimentares e questões agrárias**. São Paulo; Porto Alegre: UNESP; UFRGS, 2016.

O'DONOGHUE, Dónal. Classrooms as installations: A conceptual framework for analysing classroom photographs from the past. **History of Education**, v. 39, n. 3, p. 401-415, 2010.

PEREIRA, Mônica Cecília Santana *et al.* Direito do consumidor às informações nos rótulos dos alimentos: perspectiva de profissionais envolvidos em políticas públicas. **Aletheia**, v. 52, n. 1, 2019.

RAMALLO, Francisco. Una pedagogía de la instalación/An Installation Pedagogy/Uma pedagogia da instalação. **Revista de Educación**, n. 24.1, p. 41-58, 2021.

ROVER, Oscar José; DAROLT, Moacir Roberto. Circuitos curtos de comercialização como inovação social que valoriza a agricultura familiar agroecológica. **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**, p. 19-43, 2021.

SEVILLA-GUZMÁN, E. *et al.* Canales cortos de comercialización alimentaria en Andalucía. **Sevilla: Fundación Pública Andaluza Centro de Estudios Andaluces, Consejería de la Presidencia e Igualdad, Junta de Andalucía**, v. 201, n. 2, p. 1, 2012.

SCHNEIDER, Sergio. A presença e as potencialidades da agricultura familiar na América Latina e no Caribe. **Redes: revista do desenvolvimento regional. Santa Cruz do Sul, RS**, v 21, n. 3, pt. 2 (set./dez. 2016), p. 11-43, 2016.

SOUZA, Sônia Maria Fernandes da Costa *et al.* Utilização da informação nutricional de rótulos por consumidores de Natal, Brasil. **Revista Panamericana de Salud Publica**, v. 29, p. 337-343, 2011.

MIRANDA SOUZA, Maria Regina *et al.* Instalação artístico pedagógica como instrumento de construção do conhecimento sobre Plantas Alimentícias Não Convencionais, PANC. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 16, n. 2, p. 189-198, 2021.

SOLER, Marta María Montiel *et al.* Rearticulando desde la alimentación: canales cortos de comercialización en Andalucía. **Patrimonio cultural en la nueva ruralidad andaluza**, 2010.

SOLER, Marta María Montiel; PÉREZ, David Neira. Por una recampesinización ecofeminista: superando los tres sesgos de la mirada occidental. **PAPELES de relaciones ecosociales y cambio global**, n. 121, p. 131-141, 2013.

STRATI, Antônio *et al.* **Organização e estética**. Editora FGV (Fundação Getúlio Vargas), 2007.

VANDERPLANKEN, K., ROGGE, E., LOOTS, I., MESSELY, L., & VANDERMOERE, F. Construindo uma narrativa: O papel dos dualismos na interpretação dos sistemas alimentares. **O Jornal Internacional de Sociologia da Agricultura e Alimentação**, v.23, n. 1, p. 1-20, 2017.

WEZEL, Alexander *et al.* Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for sustainable development**, v. 29, p. 503-515, 2009.